

Veículo: _____

Caderno: _____

Data: 03/12/1976 Pág. _____ Classificação: QNO/79

SEXTA-FEIRA, 3 DE

Artistas plásticos lançarão manifesto

Um manifesto onde são fixadas posições frente ao movimento cultural de Porto Alegre é a promessa de um grupo de oito artistas plásticos locais. Carlos Asp, Vera Chaves Barcellos, Romanita Martins, Carlos Pasquetti, Mara Alvarez, Telmo Lanes, Jesus Escobar e Clovis Dariano, tornarão públicas suas opiniões no encontro que realizarão nos dias 9 e 10 de dezembro, nas dependências do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Mesas-redondas, projeção de filmes e slides, mostra de álbuns, análise de documentos — são algumas das atividades que serão desenvolvidas pelo Grupo, junto a convidados especiais e a todos os interessados — pois as reuniões serão abertas a todos — entre as 14 e 22 horas dos dias 9 e 10.

O grupo mantém segredo das propostas que estão no manifesto mas adianta que podem significar “verdadeira revolução em relação a coisas que estão acontecendo hoje em nossas artes plásticas”.

ARQUIVO FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

Veículo: _____

Caderno: _____

Data: 1976

Pág. _____

Classificação: C N O / 70

Manifesto

Alguns artistas plásticos do Rio Grande do Sul lançarão manifesto sobre o atual momento das artes plásticas no Rio Grande do Sul. Sabe-se que será um alerta aos artistas e colecionadores sobre a manipulação do mercado pelos intermediários, que não devem ditar os parâmetros para o julgamento das obras. Convém lembrar que os Impressionistas demoraram 40 anos para serem aceitos. O manifesto será lançado quinta-feira, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

- Uma das primeiras exposições previstas na Galeria Eucatex para a temporada do próximo ano é a do grupo que realizou o manifesto em dezembro do ano passado no Museu de Arte do Rio Grande do Sul: Vera Chaves Barcellos, Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Telmo Lanes e Nara Alvares.

Veículo: CRT - Companhia Reguladora de Telecomunicações *

Caderno: Jornal Folha de Manhã / Autor Orlando Campos Brasil

Data: 7 Jun 1977 Pág. 42 Classificação: CNO/30
(Quarta-Folia)

PAPEL, CORDÃO, PLÁSTICO, EM VEZ DE TINTAS E TELAS. PARA APRENDER A CRIAR

Tanto os interessados em participar ativamente da primeira experiência coletiva de criatividade — um dos programas da inauguração do Centro Cultural de Alegrete — como os que permaneceram apenas olhando o que se iria fazer, ficaram um pouco surpresos no momento em que receberam bobinas de papel e plástico, cordões, fitas adesivas e tesouras, ao invés das tradicionais tintas e telas, já conhecidas.

A surpresa inibiu, em parte, os participantes das duas faixas etárias predominantes entre os que se apresentaram para a experiência (a maioria, crianças e senhoras de meia idade), que antes de começar a trabalhar, fizeram pequenos comentários em torno do que deveria ser feito ou qual dos materiais seria o mais adequado para criar o objeto pretendido.

É isto em momento algum foi o pretendido pelos sete artistas plásticos que tiveram a iniciativa da promoção — Carlos Asp, Carlos Pasqueti, Telmo Lanes, Mara Alvares, Clóvis Dariano, Vera Chaves Barcelos e Romalita Martins — que junto à experiência fizeram mostra de seus últimos trabalhos —, pois na primeira experiência os objetivos principais eram justamente o desbloqueio geral das pessoas em função de uma liberdade criativa.

A experiência como participante ativo de uma obra de arte,

pode-se dizer que começou, para a população de Alegrete, um pouco antes de os artistas formarem o material no Centro Cultural, domingo de manhã. Ao visitar a exposição, um menino de aproximadamente dez anos quando se viu diante dos testes de Vera Chaves Barcellos, foi respondendo às perguntas sobre o que poderia estar atrás ou dentro da imagem apresentada. Outro, impressionado com as roupas de Telmo Lanes, se deixou fotografar na camisa para pessoas duplas (ela possui duas frentes), chamando a atenção de seus amigos.

Começada a experiência com os materiais recebidos, aos poucos todos foram descobrindo que existiam outras maneiras de se fazer arte e criar objetos livres de um esteticismo convencional ou pré-concebido. Talvez por isso, as crianças sempre foram as primeiras a tomar iniciativas e os mais velhos dirigiram-se aos poucos para os materiais, colocados no chão.

Recortes, colagens, mistura de plástico e papéis, foram aos poucos chegando aos elementos que estavam dentro da ideia de cada um. Os resultados foram chapéus, flores, figuras retalhadas sem qualquer pretensão de serem definidas, ou simplesmente atitudes como a de colocar em volta do busto de Osvaldo Aranha um imenso rolo de papel que se

estendia até o poste mais próximo da praça em frente ao Centro Cultural.

Tudo isto, em princípio, ajudado pelos próprios artistas, que no final da experiência, reuniram os participantes para perguntar das sensações observadas desde que começaram. E as respostas foram, naturalmente, de acordo com o primeiro impacto recebido, como "me senti um pouco bloqueada no início", "fiquei pensando antes de começar a fazer". Uma criança explicou: "isso aqui é uma parte do calção que vi em Porto Alegre".

Talvez devido ao fato de já saber com o que se iria trabalhar, à tarde, na segunda experiência, o afluxo de pessoas foi mais reduzido, embora mostrando-se bem intencionado em criar alguma coisa. Após sessão de slides, no Centro Cultural, foram dados outros barbantes e rolos de papéis crepom.

Logo foram tomadas iniciativas, por grupos que se dividiam em frente à praça, atando os cordões nos postes, ao longo de uma extensão de cem metros, com a segurança de que estavam fazendo alguma coisa mais séria e consciente, mesmo desconhecendo o resultado que dali sairia. Os papéis começaram a ser atados sobre os cordões divididos em pequenos tamanhos, formando um colorido harmônico. — (O.C.B.)



... inibição com os novos materiais, até...



... a descoberta de outras formas de arte...



... na experiência de criatividade em Alegrete.

Veículo: Boletim Informativo do MARGS

Caderno: _____

Data: janabr 1977 Pág. 12-13

Classificação: CNO/30

origens... grupo U.O.

ATIVIDADES DO ...

EXPOSIÇÃO MANIFESTO

O Museu de Arte cedeu local para uma Exposição-Manifesto organizada por 8 artistas plásticos de Porto Alegre, nos dias 9 e 10 de dezembro passado.

Sob a responsabilidade de Carlos Asp, Romanita Martins, Telmo Lanes, Vera Chaves Barcellos, Mara Alvares Pasquetti, Clovis Dariano, Jesus Escobar e Carlos Pasquetti, a mostra, sem qualquer caráter comercial, apresentou ambientes, cadernos, álbuns, documentação, filmes super 8, diapositivos, além de depoimentos a respeito do momento cultural que vivemos.

A manifestação representou uma tomada de posição contra um contexto de mercado e ao mesmo tempo, a favor de uma maior abertura onde o forma artística, tenha, como razão de ser, a expressão de idéias e conteúdos.

Apesar da diversificação dos trabalhos e temperamentos, (todos já estavam trabalhando novas formas de linguagem), o ponto comum que os uniu foi a abordagem de outras áreas do pensamento e a provocação de ações criativas, visando a formação de um novo público participante, no caso, os mais jovens. A luta pela sobrevivência de idéias foi também debatida, visto o acelerado processo de mercantilização de que tem sido alvo o objeto artístico. Em suma, a intenção deste grupo não é fazer uma arte essencialmente visual, mas sim trazer informações a um nível semântico. Seus trabalhos devem ser avaliados não pelos velhos critérios da crítica formal mas como uma provocação ao público expectador-participante.

A Exposição-Manifesto, segundo os próprios artistas expositores, constou do seguinte material:

CARLOS ASP — Uma parede de porta-vidro que abre para um jardim onde está um violinista sentado, parte de uma natureza musical vivida, passagem para outros espaços; um jogo para montar, multiformas de caixas de fôstafos

"Pássaros brasileiros", onde há a utilização do material pobre como veículo de jogo e imaginação criativa para o expectador; um álbum e diapositivos documentação do trabalho "Passagens Mágicas da Vida", realizado no MARGS, em 76.

CARLOS PASQUETTI — Imagens fotográficas, idéias expressas pela palavra e filmes sugerindo ambigüidades, numa visão interiorizada de processos mentais elaborados e mágicos. Misto de intelecto e fantasia.

CLOVIS DARIANO — Curtíssimas metragens em super 8, álbuns e a série filmada de um violoncelo, que vai do cômico até a solenidade quase religiosa do instrumento musical.

JESUS ESCOBAR — Uma parede forrada de cópias xerox contendo imagens do momento atual. A técnica de reprodução em xerox é utilizada como crítica à gravura tradicional.

MARA ALVARES PASQUETTI — Animação, álbuns e diapositivos. Em alguns álbuns existe a aproximação de fatos simples do cotidiano enquanto que em "Jogo aberto para esconder em seis toques", o gesto humano é proposto para modificar as paisagens fotografadas.

ROMANITA MARTINS — Montagem, com a utilização de materiais pobres (rosa de plástico, cetins pintados com giz, pontos riscados da umbanda). Estes elementos são usados para exaltar e criticar aspectos da cultura afro-brasileira na era industrial.

TELMO LANES — Peça de roupa de uma coleção (camisa para pessoas duplas). Numa proposta de humor mordaz, lembra ao expectador a personagem que poderia vesti-la; um álbum e uma série de fotos com o título "Indicção", onde o artista se fotografa com a língua gesticulando na indicação de seu dedo.

VERA CHAVES BARCELLOS — Serigrafias como um apelo táctil à imaginação e também em imagens que pede a participação do expectador com uma pequena estória; três cadernos, um da série "Textartes", e outros dds da série "Cadernos Brasileiros".



MANIFESTO

Na presente situação do movimento artístico gaúcho, onde o mercado de arte assume um vulto nunca antes atingido, o respeito pelo público leva-nos a necessidade de certas colocações esclarecedoras.

Existe uma diferença fundamental entre a eventual venda da obra de arte e a feitura da obra, especificamente para a venda; como um produto que se condiciona a demanda comercial.

Não somos contra a venda da obra de arte. Não aceitamos, isto sim, que o mercado dirija o movimento artístico.

A venda não é medida de qualidade da obra de arte, como prova a história.

O condicionamento ao mercado, leva o artista a uma produção meramente artesanal, muitas vezes beirando um maneirismo, à repetição e a um conseqüente esvaziamento de conteúdos.

Igualmente, manifestações que sob o rótulo de arte nacional tem como interesse primeiro o mercado de seus produtos, confundem ainda

mais o público, quanto a discernir entre manifestações culturais legítimas e interesses de caráter comercial e promocional.

Propomos:

— Criação de uma nova mentalidade e de um contexto e clima abertos a manifestações que não procurem contentar partes mas sejam o documento vivo de uma criação embasada em novos caminhos e idéias.

— Um trabalho que antes de ter como suporte qualquer veículo material e sua hábil manipulação, seja produto de uma consciência crítica atuante.

— Operações artísticas que sejam verdadeiros centros transformadores da consciência e não manifestações coniventes com um dirigismo mercadológico deformador de valores.

— Uma visão lúcida do papel do artista no seu contexto social e de sua participação construtiva dentro deste contexto.

Porto Alegre, dezembro de 1976.

Veículo: Journal - El PaísCaderno: 3º CadernoData: 3 maio 1977Pág. 14Classificação: C N 01/70

(Serra-jorn)

Restuccia y Contte: Dos Uruguayos que se Imponen

Dos directivos de Club de Grabado de Montevideo, Oscar Ferrando (grabador) y Washington Torres (crítico de arte), llegaron de Porto Alegre donde asistieron a la inauguración de una muestra de veinte artistas uruguayos, grabadores y dibujantes. La exposición tuvo un éxito desacomostumbrado, considerado a nivel nacional, y "en los dos primeros días se vendieron ocho grabados", manifiesta Oscar Ferrando. La exhibición se llevó a cabo por una invitación del MARGS (Museo de Arte de Río Grande del Sur). Agrega Ferrando que importa destacar "el vínculo existente entre el Club de Grabado de Montevideo y el homónimo de Porto Alegre". Este último fue un antecedente del organismo nacional. Pero, como señala en el prólogo del Catálogo el Director del MARGS, Luiz Inácio Medeiros, en tanto el Club de Grabado del vecino país es hoy apenas un marco histórico en la evolución plástica brasileña, "el Club de Grabado Uruguayo, atravesando crisis, sigue adelante". La selección de veinte creadores gráficos, agrega O.F., tiene un carácter didáctico. Abarca diversos estilos y varias generaciones, desde el maestro Luis Mazzey, con 82 años, hasta Horacio Gómez, con 24. En cuanto al MARGS, es un Museo dinámico, vivo "abierto a los artistas extranjeros, y a las experiencias y propuestas de los jóvenes locales". En él se realizan mesas redondas, ciclos de cine, conferencias, espectáculos de danza, etc. Pasará a ocupar un amplio local, anota Ferrando, lo que posibilitará "la multiplicación de sus ya nutridos planes". W. Torres, por su parte, con óptica crítica, manifiesta que resulta difícil tener una visión definitiva en el breve lapso de una semana, aunque trabajaron full-time, visitando entre cinco y seis talleres y galerías por tarde. Hay un excesivo condicionamiento del mercado. Lo que con referencia a nosotros puede ser una ventaja, tiene su contrapartida. Con frecuencia muchos artistas se estancan en su evolución debido a los requerimientos del público comprador. "Se palpa una enorme fermentalidad", señala Torres. Como todas las ciudades en franco desarrollo, se presenta abierta en la recepción de cosas nuevas. "Aunque las comparaciones son siempre odiosas, dice W. T., la manifestación artística dentro de las formas contemporáneas clásicas, en Montevideo es superior". En el orden de la experimentación, de las búsquedas de laboratorio, "la balanza se inclina del lado de ellos". Se nota una gran avidez por emular a San Pablo.

Entre los grupos más interesantes, según la opinión de Torres, está el de Vera Chávez Barcellos, que integran además Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clovis Dariano, Jesús R. G. Escobar, Mara Alvarez, Romanita Martins y Telmo Lanes. El MARGS organizó una Muestra - Manifiesto de dichos plásticos. Fue el único lugar por otra parte que se interesó por la pesquisa. "Practican un conceptualismo con acentos brasileños". El objetivo es reducir el arte al valor de la idea. Provocan al público y prescinden de la venta; no les preocupa la comercialización de sus obras ambientales. Integran diferentes disciplinas: la serigrafía, fotos, dibujos, objetos, cine Super 8, audiovisuales, cuadernos y álbumes. Anota Ferrando la importancia de la escultura en el espacio comunitario de la ciudad, en edificios públicos, en plazas. Se destacan Stockinger y Vasco Prado. Incluso un uruguayo, arquitecto y artista plástico (Umansky) radicado hace poco en Porto Alegre, ya ha incorporado un gran mural. Destaca W. T. la carencia de una crítica especializada. "La prensa cuenta con muchos cronistas que dan cabida en sus columnas al arte plástico, pero en el medio creador no son considerados críticos de arte profesionales". Tal carencia provoca desorientación a nivel del público y de los mismos artistas. Dos instituciones imparten enseñanza artística en Porto Alegre: el Instituto de Arte de la Universidad de Río Grande del Sur y el Atelier Libre de Dantúlio Gonçalves, ambos subvencionados por el estado. Dos dibujantes uruguayos provocaron verdadero impacto: Marta Restuccia y Héctor Contte. El Director del MARGS cedió un espacio de la muestra para su colección privada. Club de Grabado de Montevideo donará un Grabado al MARGS para enriquecer el acervo. — M.L.T.

Veículo: CRT - Comunidade Rio-grandense de Teveca, M. S. P. O.

Caderno: PROGRAMA TERAL

Data: 15 julho 1977 (quinta-feira) Pág. 38

Classificação: CNO/70

NERVO ÓPTICO N.º 2 TRAZ TRABALHO DE MARA ÁLVARES

Em abril passado os artistas Romanita Martins, Carlos Asp, Vera Chaves Barcellos, Carlos Pasquetti, Mara Alvares, Clóvis Dariano, Jesus Escobar e Telmo Lanes lançaram o primeiro número de *Nervo Óptico*, que explicavam como uma publicação aberta a divulgação de novas poéticas visuais. Em apenas de uma folha, eles procuraram relatar as atividades até então realizadas pelo grupo — o manifesto chamado de *Atividades Continuadas* e a mostra de Alegrete, Exposição e Experiência Criativa com a Comunidade — com a respectiva justificativa em texto.

Tratava-se do primeiro entre

os vários números de *Nervo Óptico* que pretendem lançar todos os meses. Agora, chegou a vez do segundo, com um trabalho de Mara Alvares mostrando uma seqüência fotográfica de uma paisagem de pedras — bastante agreste — com efeitos de aproximação até o desaparecimento do horizonte nublado. Nas sete fotos, a paisagem é interferida pela composição gestual de braços e pernas humanas. Em somente uma das fotos aparecem árvores.

Nervo Óptico é uma distribuição gratuita e pode ser adquirido pelos interessados nas universidades porto-alegrenses e ainda em algumas galerias de arte.



Na seqüência fotográfica, efeitos de aproximação

ARQUIVO FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

Veículo: CORREIO do Povo

Caderno: Artes

Data: 3 set 1977
(Sabado) Pág. _____

Classificação: CNO/70

Nervo Óptico
n.º 5 já saiu

O grupo vanguardista de artistas plásticos sediado na rua Garibaldi, 72, está divulgando o n.º 5 de sua publicação, denominada "Nervo Óptico", que traz uma obra de Telmo Lanes, com foto de Clóvis Dariano. O grupo deverá expor, brevemente, na Galeria de Arte Eucatexpo.

Veículo: CRT - COMPANHIA RIO GRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕESCaderno: PROGRAMA GERALData: 1 mar 1977Pág. 58Classificação: CNO/30

Grupo do Manifesto mostra reflexão sobre a paisagem

O lançamento de um manifesto juntamente com uma exposição dos trabalhos que vinham desenvolvendo, marcaram, em dezembro do ano passado, o início das atividades do grupo composto por Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Telmo Lanes, Mara Alvares e Vera Chaves Barcellos, que, na data, levaram ao público posições comuns. No mês seguinte, a convite da Assembléia Legislativa, inauguraram o Centro Cultural de Alegrete, e com nova mostra a experiências com a comunidade, desde então aparecendo pela publicação mensal de *Nervo Óptico*, obra editada em offset, com circulação dirigida a núcleos culturais, galerias e museus, além de vários artistas nacionais.

Agora em novembro, no dia 16 próximo, o grupo marcará a primeira mostra deste ano, com uma série de trabalhos, entre os quais, propostas que pretendem uma reflexão a respeito da paisagem. Carlos Asp apresentará um conjunto de paisagens analisadas como um complemento do ser vivo, onde a paisagem interna é um reflexo do entorno, composta de três ciclos. Pasquetti mostrará quatro desenhos como exercícios do espaço. O corte de espaços reais e seu deslocamento ao espaço bidimensio-

nal, sendo o desenho tratado e elaborado como anotações de um planejamento que resultará numa proposta aberta a possibilidades.

Clóvis Dariano apresentará uma série de paisagens fotografadas e tratadas num processo acumulativo: a mesma imagem sobreposta apresentando variações em sua colocação sobre o original, causando sensações de reconstrução destas paisagens. Mara Alvares exporá o resultado da observação do ambiente natural e reflexão sobre o mesmo. São fatos que sugerem modificações por meio de gestos, movimentos e coreografias, apresentados em seqüências, tanto nas montagens como nos álbuns, e

ainda documentações de manifestações populares.

Telmo Lanes reuniu uma coleção de objetos, de roupas interferidas, nas quais faz um estudo do comportamento do homem em relação ao mundo em que vive, fotos refletindo a relação do homem e a terra — da imaginação e movimento — e cartões postais com confrontos paisagem-cultural. Finalmente Vera Chaves Barcellos mostrará o álbum *Cielo*, numa seqüência de quatro etapas, que levam o nome de *A Natureza*, *Sinais do Homem*, *O Objeto Criado*, *A Ação do Tempo*. São 20 fotografias em cor, com dois textos introdutórios e uma série de trabalhos em dia positivos.



Jardim Interno, de Carlos Asp, integra a mostra

Veículo: CRT - COMPANHIA RIO GRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕESCaderno: PROSANA GERAData: 7 nov 1977Pág. 58Classificação: CNO/30

Casa do Artista Plástico será lançada sexta-feira

No décimo aniversário da Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil, Aplub, em 1975, foi instituída a Pinacoteca A plub de Arte Rio-Grandense, museu de artes plásticas que conta hoje com aproximadamente 400 obras de nomes nascidos no Estado ou radicados no Sul, constituindo até então um panorama inédito. Neste ano, as atividades passaram a ser dirigidas para o artista, no sentido de propor medidas para a solução de problemas que envolvem a classe.

Assim, através de reuniões na sede da Pinacoteca (Sete de Setembro, 1051) durante o primeiro semestre deste ano, foi criada a Casa do Artista Plástico Rio-Grandense, entidade de classe que será lançada na próxima sexta-feira, dia 11 de novembro, com exposição de obras dos interessados que compareceram durante os encontros, como Danúbio Gonçalves, Plínio Bernhardt, Alice Brueggemann, Vera Chaves Barcellos, Vera Lúcia Didonet, Nélon Jungbluth, Paulo Porcella, De Curtis, Selva Doll, Nélon

Boeira, Gastão Tesche, entre outros.

A mostra marcará apenas o início dos trabalhos que mais tarde poderão desenvolver-se por todos os associados, para que os serviços nos quais a Casa irá empenhar-se sejam alcançados, propiciando um enriquecimento das artes no Estado. São suas finalidades básicas, conforme estabelece o estatuto, difundir a arte gaúcha, propondo alternativas para qualquer reivindicação, ou por meio de encontros com os próprios associados ou de outro lugar, exposições como esta de caráter coletivo ou individual, assim como propiciar oportunidades para o aprimoramento de todos.

A associação Casa do Artista Plástico Rio-Grandense não tem fins lucrativos, podendo a ela filiar-se pessoa jurídica ou física, interessadas em difundir a arte por tempo indeterminado, sempre promovendo atividades de estímulo à criação plástica, documentando e registrando fatos, elaborando programas, ou qualquer outra maneira que enriqueça este lado cultural.

ARQUIVO FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

Veículo: JORNAL ZEPHO VERA

Caderno: ZH VARIEDADES - Segundo Caderno

Data: 14 mar 1977 Pág. 3

Classificação: CNO/70

• Nesta metade de mês diminuem as atividades artísticas nas galerias de arte. Somente está marcada, com certeza, a mostra da Eucatexpo, que inaugura dia 16, e vai reunir obras de Carlos Asp, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes, Carlos Pasquetti e Vera C. Barcellos. Sônia Grassmann vem para a Oficina de Arte até o final do mês; em dezembro, será a vez de Elizabeth Turkienex. E entre 21 e 22, a inauguração do IV Salão de Artes Visuais.



Trabalho de Telmo Lanes na mostra da Eucatexpo

ARQUIVO FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

Veículo: JORNAL CORREIO do Povo

Caderno: _____

Data: 18 mar 1977 Pág. _____

Classificação: C N 01/30



EUCATEXPO APRESENTA IMPORTANTE MOSTRA

Desde a última quarta-feira, a Galeria Eucatexpo apresenta em sua sala uma importante exposição, reunindo alguns dos artistas plásticos de experimentação de vanguarda entre nós. Participam da mostra Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos. Vera lançou, no dia 16, um livro de doze gravuras, em tiragem restrita, que se encontra à venda também no local. Na foto acima, um trabalho de Pasquetti, da série "Diálogo silencioso".

ARQUIVO FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

Veículo: Journal

Caderno: _____

Data: 1977

Pág. _____

Classificação: CNO/70

Eucatexpo — (Av. Independência)
— Exposição do grupo "Nervo Ótico",
reunindo trabalhos de Paquetti, V. C
Barcelos, Dariano, A-p, Lanes e Mara
Alvares. Horário comercial.



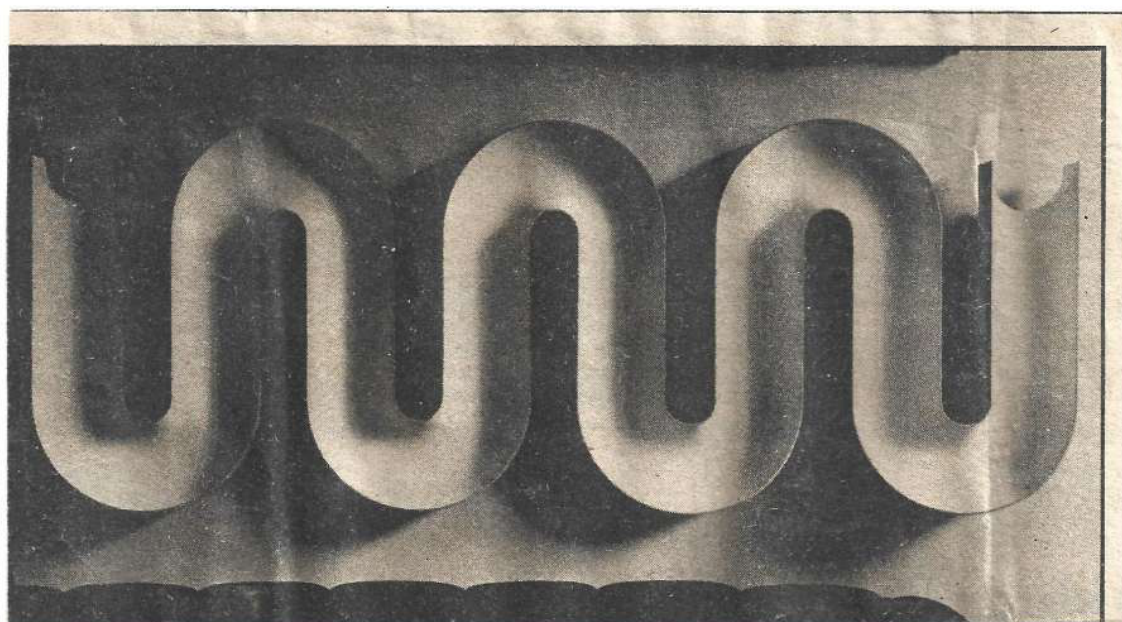
Trabalho de Telmo Lanes,
na Galeria Eucatexpo

Veículo: Jornal Zero Hora

Caderno: 24 VARIEDADES

Data: 16 maio 1977 Pág. 3

Classificação: CNO/70



Onda Côncava, em branco e preto, trabalho de Joaquim Tenreiro

Vanguarda na Eucatexpo

• A Galeria Eucatexpo inaugura hoje a mostra de um dos poucos grupos que buscam uma arte de vanguarda em Porto Alegre, composto por Carlos Asp, Carlos Pasquetti (o grande vencedor do IV Salão de Artes Visuais), Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera C. Barcellos (presente à última Bienal Internacional de São Paulo). Certamente uma exposição que dará muito assunto.

ARQUIVO FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

Veículo: _____

Caderno: _____

Data: 30 mar 1977

Pág. _____

Classificação: CNO/70



CONTINUA EXPOSIÇÃO NA EUCATEXPO

Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos estão expondo pela primeira vez conjuntamente. Eles integram a equipe editora do "Nervo Óptico", publicação dedicada a experiências no setor das artes plásticas, e que agora expõem seus trabalhos numa mostra coletiva na Galeria Eucatexpo, na Avenida Independência. Na foto acima, um trabalho de Telmo Lanes, denominado "Bonito".

Veículo: JORNAL Folha da TARDECaderno: PAVORAMA (DÉCIO PRESSER)Data: 16 nov 1977 Pág. _____Classificação: C N 01/70**PANORAMA**

Décio Presser

Uma exposição do "Nervo Ótico", a equipe mais premiada do SAV

Antecipando ao IV SAV, cuja inauguração acabou sendo transferida para o início da próxima semana, a partir de hoje, na Eucatexpo, o público poderá conhecer o trabalho de quatro dos 11 premiados naquela promoção da UFRGS. Carlos Pasquetti, Vera Chaves Barcellos, Carlos Asp e Dariano são os premiados integrantes do grupo responsável pela publicação do "Nervo Ótico".

Completando o grupo, Mara Alvares e Telmo Lanes. Juntos apresentam uma série de trabalhos, cuja proposta é reflexionar a respeito da paisagem. Pasquetti apresenta quatro desenhos como exercícios de espaço, com anotações de um planejamento, resultando numa proposta aberta. Vera mostra o álbum "Ciclo", numa seqüência de quatro etapas que levam o nome de "A Natureza", "Sinais do Homem", "O Objeto Criado" e "A Ação do Tempo". São 20 serigrafias em cor e dois textos introdutórios. Asp está representado por um conjunto de "paisagens analisadas" como um complemento do

ser vivo, onde a paisagem interna, é um reflexo do entorno. Compõem-se de três ciclos: "paisagens através...", "reflexões e impressões" e "o ser transformado". Dariano apresenta uma série de paisagens fotografadas e tratadas num processo acumulativo. A mesma imagem sobreposta apresentando variações em sua colocação sobre o original. O trabalho de Mara Alvares é resultante da observação do ambiente natural e a reflexão sobre o mesmo. Quanto às fotografias, técnica predominante, sugerem a modificação deste ambiente. Finalmente, Telmo Lanes apresenta uma coleção de objetos constituída de roupas interferidas, nas quais faz um estudo do comportamento do homem em relação ao mundo em que vive. Além disto, uma série de fotos refletindo sobre a relação homem/terra e imaginação/movimento. O "Nervo Ótico" surgiu ao final de 76 e em menos de um ano já se impôs como o mais importante grupo de vanguarda do Rio Grande do Sul.



Foto de Mara Alvares, da série "Adansonia", na Eucatexpo, a partir de hoje

Veículo: CRT - COMPANHIA RIO GRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES

Caderno: _____

Data: 29 mar 1977

Pág. 41

Classificação: C No 1/30

Seis contemporâneos em harmonia (I)

A simples admiração da obra para completar um sentido determinado de uma necessidade formal, não é, na certa, a finalidade principal com que foram criados todos os trabalhos expostos atualmente na Galeria Eucatexpo, pertencentes ao artistas Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos. A maior parte baseada na fotografia, quer e exige, do espectador mais comum, uma reflexão demorada, para que tenha uma noção da ou das propostas por eles determinadas e que, à primeira vista, não chegam de modo impositivo.

De coisas exteriores à natureza do homem (pelo menos física), todos eles foram feitos. São paisagens, vistas e revistas de acordo com a formação plástica e intencional de cada artista, e que, em princípio, têm, com o ser humano, mais uma analogia de formação orgânica, de interrelações de elementos indispensáveis à continuidade viva de um sistema determinado, provocadores de energias vitais à subsistência.

Talvez por isso, generalizando a mostra, os seis nomes, que hoje formam um grupo de trabalho atuando mensalmente através do Nervo Óptico, colocam-se dentro de uma mesma idéia de função, sem que haja a interferência de informações de um para o outro, salientando-se e respeitando-se uma linguagem exclusiva das experiências anteriores absorvidas particularmente. A consequência é uma coletiva harmônica, para ser vista a partir do ponto apresentado por cada um dos nomes em foco.

Com flagrantes de paisagens cerradas, Mara Alvares exhibe um álbum de fotografias, onde ela captou galhos que são interferidos pelo corpo humano, principalmente pernas e braços, atrás de alguma árvore em pé, que acompanham as ondulações da vegetação. Por vezes, tais gestos se tornam mais bruscos, como agredindo a paisagem, e outras, quando a folhagem é mais intensa, os elementos do corpo estão como se quisessem acompanhar a abertura da planta, numa analogia de coisas internas, o mesmo acontecendo quando a artista usou o rosto humano, substituindo os cabelos pela barba de pau, integrado ao ambiente natural.

Mara define seu trabalho "como um produto de minhas reflexões a respeito do gesto humano integrado ao ambiente natural que o cerca. Assim tenho a oportunidade de desenvolver uma pesquisa não só dentro do campo estético, mas também na área que me permite um maior envolvimento com as pessoas e as coisas em redor. É o corpo humano desenhado no espaço, ocupando os espaços, transformando momentos no espaço".

Ainda como introdução de seu trabalho, ela colocou: "Na natureza vejo a essência do ritual e do mistério. Nas tradições populares, a perfeição, a ordem, a eliminação do cotidiano, festa e alegria. Na arte pressinto um processo gradual da perda de suas funções na sociedade. Vejo um isolamento de esparsas manifestações individuais".

presentando variações em sua colocação sobre o original, não sendo determinados, antecipadamente, seus limites, é o que faz Clóvis Dariano. Também pela fotografia, trata-se da série Paisagem sobre Paisagem, em que foram determinadas cenas de rua, estrada, campo, rio e cidade. Ele determina uma abertura para um processo em que se pode concluir a construção do ambiente exposto, o estímulo a uma nova criação do que hoje se verifica no ambiente gaúcho, porque é daqui que partem suas bases (como a de todos os outros), ou a mostragem pura do que a construção hoje pode nos apresentar depois de todo um desenvolvimento sócio-econômico-cultural.

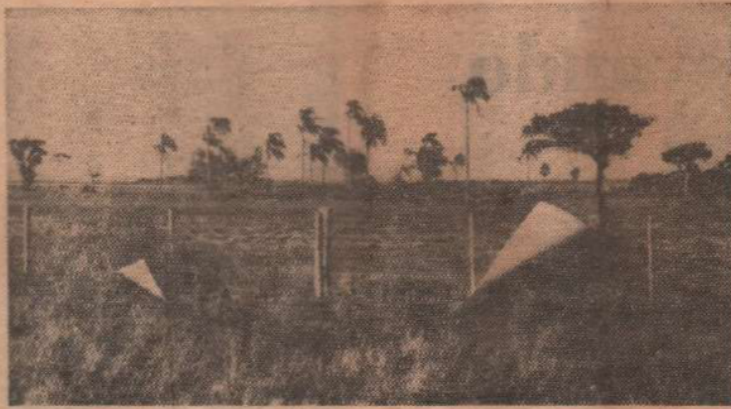
Diante de uma foto de Clóvis é possível se dar ao luxo de querer manusear o quê, para ter o necessário de nossas intenções — ou tirar ou colocar.

"Inicialmente as imagens têm meramente um sentido descritivo, mas imediatamente ao confronto e às aproximações com as imagens sobrepostas, passam a um plano exclusivamente interpretativo".

Se a reconstrução é, em Clóvis, a base de seu trabalho, para Carlos Pasquetti, que também está com fotografias, a atuação está mais voltada para a leitura consecutiva. De pessoas de frente, do busto para

cima, na frente de paisagens de horizontes limitados, o vencedor do maior prêmio do IV SAV tenta a comunicação por meio de gestos com as mãos, ora afastadas, tocando-se, num diálogo passivo com o espectador, ou mesmo quando ele preferiu a existência de dois fotografados que conversam do mesmo modo e seqüência.

O rosto no exercício n.º 3 está coberto, sobre a cabeça há um chapéu, e o restante do corpo é vestido. Nos outros, exercícios n.º 1 e n.º 2, inexistente a roupagem, e as cabeças dos personagens foram substituídas por um pelego e por uma folhagem semelhante à que usou no seu número da publicação Nervo Óptico. "Os trabalhos são visualizados como exercícios nos quais o espectador é solicitado a interferir e analisar numa proposta de leitura aberta a possibilidades". (Orlando Carlos Brasil).



Cena de Campo, de Clóvis Dariano; a reconstrução.

Veículo: CRT - COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES

Caderno: PROGRAMA GERAL

Data: 30 mar 1977

Pág. 39

Classificação: CNO/70

SEIS CONTEMPORÂNEOS EM HARMONIA (II)

Mara Alvares, Carlos Pasqueti e Clóvis Dariano, três dos artistas da mostra da Eucatexpo, expõem, cada um, somente uma série, completa, para a proposição de suas intenções. Os outros três, Vera Chaves Barcellos, Telmo Lanes e Carlos Asp, com linguagem relativa, já apresentam maior número de fragmentos, oferecidos numa variação de suportes, mas que, ao final, assemelham-se, colocando que não é somente de uma maneira que se chega a expressar a arte, mas através daquilo que mais pode identificar o sujeito que a faz, sem que haja uma obrigatoriedade de meios: ao contrário, quanto mais variada, maior o horizonte de suas ações e possibilidades de penetração.

Ainda com grande parte das obras baseada na fotografia, Vera Chaves Barcellos diz, no catálogo, não ter uma preocupação de estilo. "o que muitas vezes pode significar estar preso a estereótipos formais, mas expressar idéias variadas que se liguem a diversos níveis da estrutura intelectual e psíquica do homem". Na mostra da Eucatexpo, ela apresenta os Testartes II e VII e o álbum Cielo.

Testartes II, o que Vera apresentou na última Bienal de Veneza, são fotos de objetos da natureza, uma porta e uma escada, em que estão formuladas perguntas para serem respondidas no que representam para quem olha: se a simples imagem do que fotografou ou a consequência do elemento ali contido, se manipulado pelo mão do homem. Algo que somente poderá ser definitivo de acordo com a extensão e acúmulo de fatos individuais, pois conforme o solicitado e sua reação é que se fechará o círculo daquilo que iniciou a artista.

Ao lado do Testarte II, está o Testarte VII, no qual não foram usadas várias fotos, mas a penas a de um menino correndo sozinho ao longo de um corredor externo. Dentro de uma pasta, ela situou: Componha uma estória, respondendo às seguintes perguntas relativas à personagem que vê na figura ao lado: Quem é? Onde está? De onde vem? Para onde vai? Ao abrir o álbum, se constata a resposta de diferentes pessoas, que reagiram aos estímulos colocados por Vera:

Completando, numa grande mesa, na ordem A Natureza, Sinais do Homem, O Objeto Criado e A Ação do Tempo. Ela explica que é uma obra realiza-

da há mais de três anos, um trabalho de transição. "Liga-se às minhas gravuras anteriores não por um elo formal, mas por ser ainda um objeto artístico, com cuidados de diagramação, composição e escolha dos materiais. Pelas idéias contidas, liga-se mais a meus trabalhos mais recentes, onde existe uma primazia do conceito sobre forma".

O que não deixa de ser verdade. Neles — os quatro Tempos de Cielo — a artista pegou partículas minuciosas da natureza, pouco vistas ou observadas nas passagens diárias; a presença do homem quando já passou ou ainda passa por algum lugar; os objetos que ele cria para que se produzam coisas, a fim de usufruir da natureza (até mesmo o próprio objeto); o que está implícito no título A Ação do Tempo produzida sobre o habitat, e os objetos que ali estão. Deste modo, o círculo é fechado conforme a transformação das leis.

Nos trabalhos de Telmo Lanes não há, como nos dos anteriores, a predominância da fotografia. Na série Modado, dentro de uma pequena sala construída na galeria, ele está com Roupa Pelada, um macacão em tamanho natural, desenhado em preto e branco sobre papel em que aparece o pelo natural do homem.

O artista desescondeu o que está colocado atrás de nossas vestimentas. "Trabalho com a realidade que vivo, nela realizo interferência em seus aspectos possibilitando uma nova leitura sobre a relação do homem com seu mundo e a natureza. Pelo objeto espelho o homem por suas experiências, analiso a vida".

Sua posição encontra nos outros trabalhos da Modado a inventividade de pesar um vestido petit-pois e transformá-lo, sem cortes ou recortes, numa gravata, o bolso de uma camisa, chamado de Bolso Triste, costurado para baixo, como também uma outra cheia de botões — de tamanhos e cores múltiplos — que cognominou Bonito. No uso da fotografia, Telmo chamou Golpe de Vista no Pão de Açúcar, a sua colocação de um arame com roupas que liga um morro a outro da paisagem, e Ornamento Sentimental, a um cartão postal do por do sol, no meio de dois ferros da grade de um portão, dirigindo-o, convencionando-o.

Por último, Telmo tem Aventura Inerte 1, 2, 3, 4. Fotografias que mostram, a primeira, o autor sentado e de braços cru-

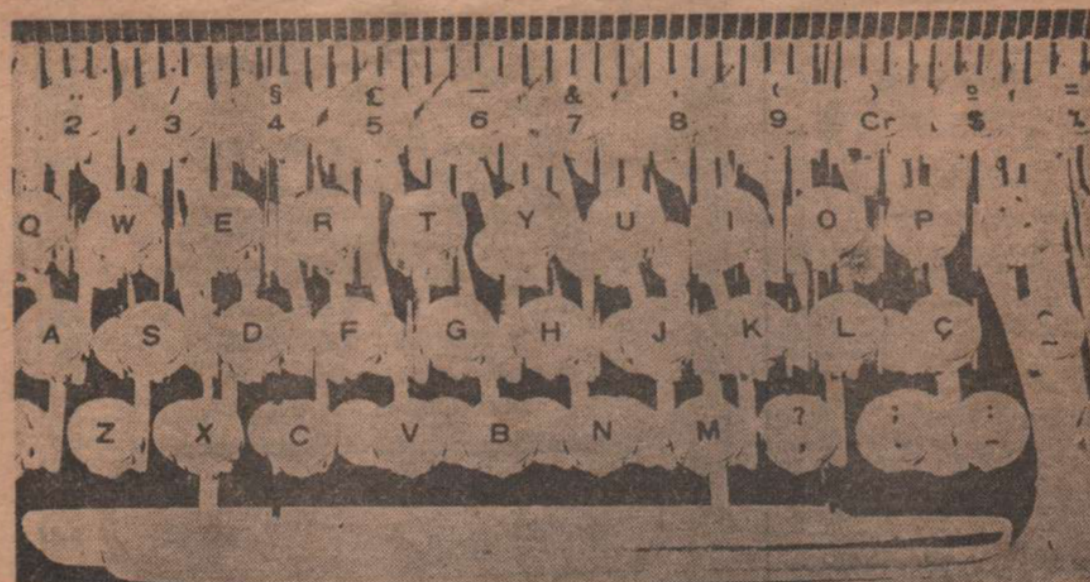
dados, cortado por meio de riscos sobre os olhos em perfil e outro de canto a canto da base. Depois deitado horizontalmente, sobre o braço direito, com o esquerdo levantado, passando o traço sobre a mesma direção, cortando sua identificação, sobre o título O Cruzamento dos Horizontes Móveis. De joelhos e de perfil em que um risco claro sai desde seus olhos, sem cortá-los, dirigindo-se para fora dos limites da foto e, com outro traço escuro, abaixo da canela colocada sobre o chão, está Vigília de Olhos Guiados, para finalmente no Aventura Inerte 4, aparecer de pés e mãos (de cócoras) estando o traço sobre seus cabelos junto ao chão, Intrínsecas Sensações.

Completamente a mostra, aparece Carlos Asp, com Projetos de Recuperação da Paisagem Interna. Sua finalidade é a de proporcionar a idéia de que se pode perfeitamente aproveitar qualquer material disponível para a criação de, no caso, paisagens exteriores com vontades interiores, sem se perder a essência, mas completando o chamamento do sensível através das informações já obtidas no meio e, devido a isto, Paisagens Analisadas, que o artista apresenta em etapas.

Cruzando Barreiras traz uma sequência fotográfica em que Asp se colocou na busca de conquistando outro lado com as devidas posições após tê-lo alcançado. De grande tamanho, construiu Passagens, uma bela ponte cruzando um riacho, no meio de uma resplandecente paisagem do dia — flores, árvores, sol brilhando — fruto de recortes de panos.

Ao lado, vários estudos, como se fosse o projeto conceitual do resultado, com o desenho do que pretende concretizar e a especificação do material que futuramente deverá usar, para dar forma plástica. Ali, inclusive, o próprio estudo, entre outros, da montagem da exposição presente. No teto, bandeirinhas em ordem, das sugestivas cores branca e azul, completadas junto a um painel, pelas amarelas verdes e azul, pouco mais escuro.

Ele salienta: "Desde 1973 estudando Astrologia e vivendo com ela (nela), brotou aos poucos o resultado desta viagem que tem sido o desenvolvimento da sabedoria desta natureza, através de suas mais variadas manifestações e formas, como nos propiciam as influências planetárias e suas interrelações em cada momento geográfico". (Orlando Carlos Brasil)



Veículo: _____

Caderno: SECCOES

Data: 1977(?) Pág. 12

Classificação: CN01/20

Nervo Óptico lança novo número do boletim de 77

Está circulando no n.º 8 de novembro-dezembro do boletim "Nervo Óptico", do grupo de pesquisas visuais de igual nome. O boletim, que apresenta em resumo as propostas do grupo em recente exposição realizada na Galeria Eucatexpo, bem como algumas das propostas apresentadas no IV Salão de Artes Visuais, parte das quais inclusive premiada, traz um texto que é verdadeiro manifesto-programa:

"Pressupondo a necessidade do público em se manter constantemente informado das modificações do pensamento artísticos, e conscientes de que o desenvolvimento técnico traz consigo as transformações nos meios de expressão (com o surgimento de novas possibilidades), criamos a publicação mensal Nervo Óptico. Consideramos que este trabalho possa ser um dos agentes de estímulo à reflexão e ao pensamento contemporâneo, fazendo parte de um processo transformativo da cultura que opera no tempo e no espaço.

Este cartazete é uma opção que tenta diminuir o isolacionismo da obra, causada em parte pelos hábitos do próprio artista e pela estrutura permanente dos meios e circuitos de divulgação e distribuição, distanciados do contexto geral".

"Nervo Óptico", "publicação aberta à divulgação de novas poéticas visuais", traz ainda uma citação de Mário Pedrosa: "É dentro do contexto ambiental que todas as artes e atividades correlatas podem encontrar o momento crucial de sua autêntica realização no complexo social".

A sede do grupo é na rua Garibaldi, 782, telefone 24-6017, onde podem ser conseguidas maiores informações.

Veículo: CRT - COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES

Caderno: PROGRAMA GERAL

Data: 27 set 1978

Pág. 40

Classificação: CNO/70

Artistas do "Nervo Ótico" abrem mostra na Eucatexpo

Estão sendo distribuídos esta semana os números 12, de Clóvis Dariano e Telmo Lanes, e 13, de Liliana Porter, da publicação *Nervo Óptico*. Simultaneamente, seus responsáveis inauguram hoje, às 19h, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS, a mostra de seus trabalhos, vistos pela última vez em Porto Alegre, na Galeria Eucatexpo em fins de 1977.

Com abordagens diversas, os integrantes Carlos Asp, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Vera Chaves Barcelos e Telmo Lanes, procuram manter-se por meio de linguagens contemporâneas, comprometidos com a interpretação e reavaliação do tema, sem apenas permanecer no sentimento criativo. Usando recursos sofisticados como a fotografia e a natureza, transpostos da fonte ao conceito, cada um procura manter sua individualidade e característica.

Telmo Lanes, procura a relação interior/exterior: "A atitude de deixar crescer a unha do dedo mingo da mão esquerda, declara, é vista como um aspecto popular e uma característica social. Relaciono este elemento íntimo/exterior, a unha, com imagens que apresentam um estudo das dimensões desta atitude. É um trabalho de investigação sobre a anatomia social".

Clóvis Dariano, que intitula sua obra *A Parte Pelo Todo* (12 painéis fotografia/desenho), explica que considera uma seqüência composta por planos, fragmentos, inserções e pontos de ruptura. "Os planos são considerados como elementos ideais para que se desenvolvam situações, tanto sobre sua superfície como por de trás dela. Estas situações determinam o confronto imediato entre o objeto ideal e o objeto real. Todas as variações dos fragmentos acontecem sobre o plano demonstrando especificamente o ato de seccionar/dividir o todo, enquanto que nos planos e inserções pressupõe-se que o objeto real (corpo) esteja completo, embora reprimido. Nos fragmentos, os volumes e texturas são alterados com a substituição da realidade fotográfica pela ficção do desenho. Tanto a fragmentação como o rompimento dos planos pressupõem uma ação violenta, premeditada e, conseqüentemente, limitada a zonas denominadas pontos de ruptura. A interligação destes elementos permite a criação de um trabalho que pode ser concreto, pode ser um estado íntimo, um acontecimento, uma abstração, uma análise de conflito entre os valores e tabus sociais e o ideal do indivíduo. Em suma: ele pode ser real ou fictício."

Veículo: Jornal Zero Hora

Caderno: 24 VARIEDADES

Data: 27 set 1978 Pág. 1

Classificação: CNO/70



NERVO Nº12
ÓPTICO AGO 78

Telmo Lanes
Clóvis Dariano

um dia eu volto

A publicação mensal do grupo



Pictografias, de Mara Alvarez



Íntimo Exterior, de Telmo Lanes



Trabalho de Dariano



Memória de Barcelona, de Vera Chaves Barcellos

Nervo Ótico mostra a partir de hoje seu trabalho experimental

O Grupo Nervo Ótico expõe a partir de hoje seus mais recentes trabalhos na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS, com mostra denominada *Mixtos e Magias*. Um tanto singular, Nervo Ótico nasceu em 1975 formado por seis componentes, que tinham como proposta inicial a que mantêm até hoje, um trabalho experimental dentro da arte, questionando a forma de mostrá-lo e conseqüentemente desmistificando os meios, técnicas e conteúdos.

A idéia de grupo pode enganosamente fazer pensar em abordagens iguais, idéias semelhantes, mas isto não acontece com Nervo Ótico. Suas obras são heterogêneas. O que os une é a forma de trabalhar os signos de nossa época, utilizando meios como a fotografia, desenhos, montagens, gravuras, os modernos meios de massa e os antigos, recriando suas formas de utilização. Uma das atividades do grupo é a edição mensal de um projeto de revista (apenas uma folha), que é distribuída gratuitamente, mostrando um trabalho de alguém do grupo ou artista que se insere em suas propostas. O objetivo desta publicação mensal é mostrar que a arte não existe por circular em galerias e museus e não é dirigida.

Fazem parte do grupo Carlos Asp, Clóvis Dariano, Mara Alvarez, Telmo Lanes, Vera Chaves Barcellos e Carlos Pasquetti que não

participa da exposição. Carlos Asp faz um trabalho em cima de signos e símbolos baseados em religiões e filosofias que tentam religar o homem à Natureza e ao Universo harmoniosa e perfeitamente. Clóvis Dariano com 12 painéis (fotografia/desenho) intitulados "A Parte Pelo Todo (planos, fragmentos, inserções e pontos de ruptura)" conduz seu trabalho de tal forma, através de um tema supostamente erótico, uma interligação de elementos em que ficam uma pergunta: é real ou fictício? A obra de Telmo Lanes, sutil e bem humorada *Íntimo Exterior*, mostra a relação entre o eu pessoal e o social. A unha que é deixada crescer no dedo mingo da mão esquerda mostra um aspecto popular e uma característica social servindo para o artista como um elemento *Íntimo /Exterior*, através do qual é desenvolvido um trabalho sobre a anatomia social. Mara Alvarez com pictografias, trabalho composto por fotografias, desenhos e movimentos do corpo, seus gestos e expressões mostra o relacionamento do ser com objetos, espaços e signos. Vera Chaves Barcellos, que chama seu trabalho desta exposição de *Memória de Barcelona* (fotografia tirada durante sua visita a esta cidade), com ele assume uma nova abordagem que era antes de cunho psicológico para agora ligar-se mais ao plano sociológico, realizado através de um trabalho estritamente documental.

Veículo: Jornal Folha da Tarde

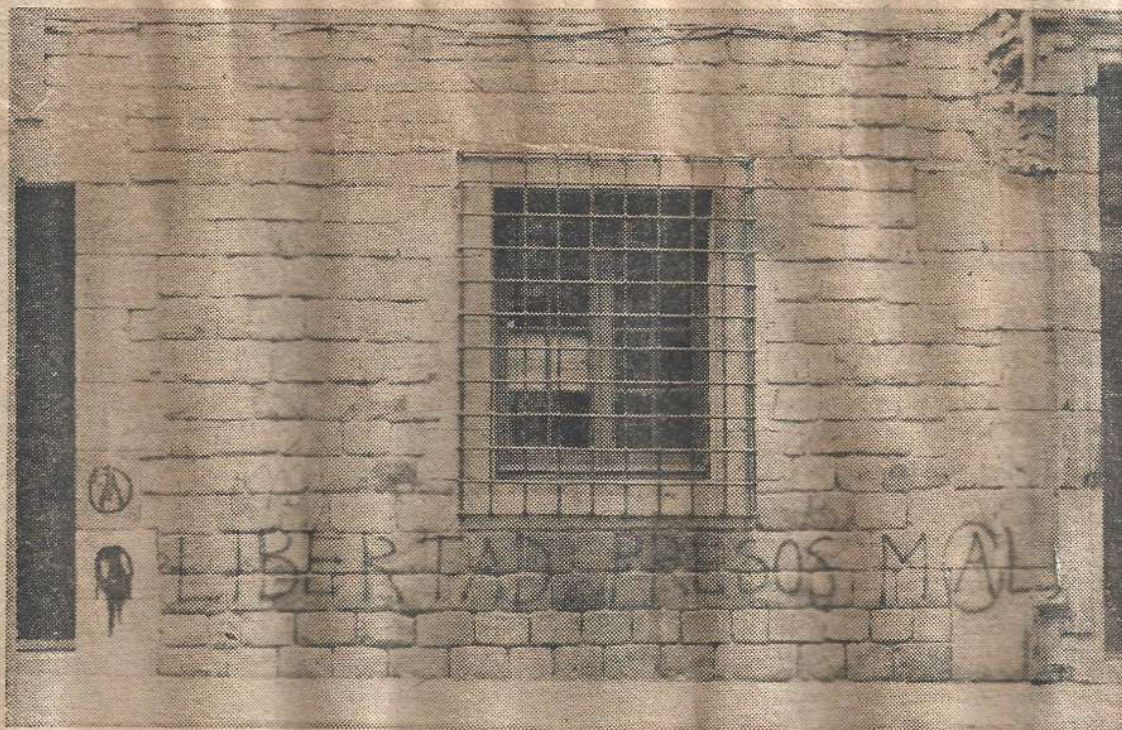
Caderno: PANORAMA (Décio Presser)

Data: 27 set. 1978 Pág. 51

Classificação: CNO/70

PANORAMA

Décio Presser



"Memória de Barcelona", de Vera Chaves Barcelos

Nervo Óptico mostra seus «Mistos e Manias»

"Mistos e Manias" é a denominação da exposição que o grupo Nervo Óptico inaugura hoje, às 19h, na Pinacoteca do Instituto de Artes. É fácil perceber que o título faz paródia com "Mitos e Magias", tema da 1.ª Bienal Latino Americana, cuja inauguração está marcada para novembro próximo, em São Paulo. O Nervo Óptico surgiu aproximadamente há dois anos com o objetivo de pesquisar novas linguagens visuais. De lá para cá, tem mantido constante uma publicação mensal, através da qual divulga trabalhos dos integrantes ou pessoas afins, e já realizou uma exposição, ano passado, na Eucatexpo.

Mara Alvares (expressão corporal), Carlos Asp, (ambiente), Telmo Lanes (fotos), Clovis Dariano (fotos), e Vera Chaves Barcelos (fotos), são os que participam desta exposição. Apenas Carlos Pasqueti não está incluído na mostra, por andar próximo à conclusão de um trabalho. "Mistos e Manias" certamente proporcionará ao público, um novo encontro com a criatividade do "Nervo Óptico", sem dúvida alguma o único grupo do Rio Grande do Sul a fazer trabalho experimental. A exposição ficará montada até o próximo dia 11, merecendo atenção de todos, principalmente daqueles mais abertos às "novas poéticas visuais".



"Íntimo Exterior", trabalho de Telmo Lanes

'Nervo óptico': entre o museu e o mercado

Por toda a cidade, faixas convidam a população a assistir, com entrada franca, ao Leilão de Arte que a Galeria Oficina iria promover, a partir do último domingo na Associação Leopoldina Juvenil. Nos jornais havia "chamadas" de primeira página, semelhante àquelas dos lançamentos imobiliários. No jornal "Zero Hora", o colunista de arte, Luiz Carlos Lisboa, um dos diretores da Galeria Oficina, anunciava, destacadamente o leilão, bem como a restante programação do mês de novembro; além da mostra, já aberta de Antonio Carlos Maciel, estão previstas individuais de Sonia Grasmann (dia 17), de Elizabeth Turkieniez (dia 28) e lançamento de um livro do pintor e gravador Marek Halke (dia 23). Enquanto isso, escondido em algumas salas de um edifício comercial, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul apresenta a mostra circulante de Guido Viaro (já vista aqui no Rio). Poderia citar muitos outros exemplos, mas estes bastam para caracterizar que, no Rio Grande do Sul, é o mercado que vem dando o tom, é ele que está comandando o espetáculo, impondo métodos de trabalho, orientando gostos, definindo opções, forçando revisões, orientando acervos particulares e públicos, forçando o debate. Entre os contratados ou expositores da Galeria Oficina estão Francisco Stockinger, Ado Malagoli e José Lutzemberger e alguns dos mais conhecidos best-sellers da arte brasileira.

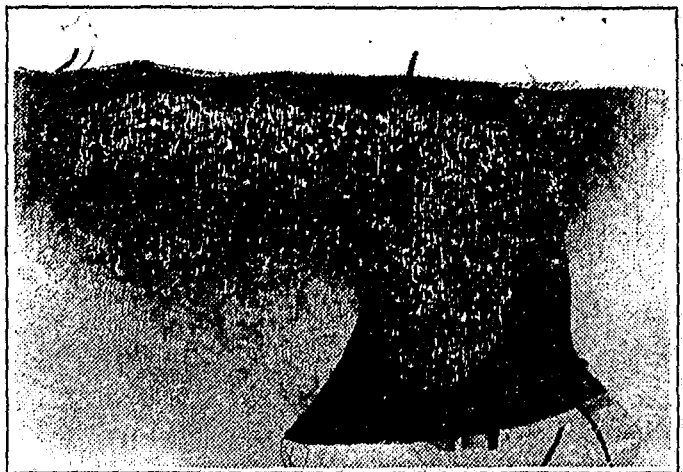
Recorde-se que o Museu de Arte do RGS dedicou dois dos seus cinco boletins publicados até agora ao exame do mercado de arte, concedendo a palavra primeiro aos *marchands* e colecionadores (nº 3, outubro/dezembro de 1976) e, depois, aos artistas (nº 4, janeiro/abril de 1977). Entre um boletim e outro, isto é, em dezembro de 1976, veio a primeira reação contra esta atuação agressiva do mercado. Alguns artistas jovens ou de vanguarda divulgaram um manifesto onde afirmam, entre outras coisas, o seguinte: "1 — Não somos contra a venda da obra de arte. Não aceitamos, isto sim, que o mercado dirija o movimento artístico, 2 — o condicionamento ao mercado leva o artista a uma produção meramente artesanal, muitas vezes beirando um maneirismo, a repetição e a um consequente esvaziamento de conteúdos". Ao mesmo tempo, propunham a realização de um trabalho que "antes de ter como suporte qualquer veículo material e sua hábil manipulação, seja produto de uma consciência crítica, e que corresponda a "uma visão lúcida do papel do artista no seu contexto social e de sua participação construtiva deste contexto".

Da teoria à prática, os integrantes do grupo passaram a se reunir semanalmente para discutir questões ligadas ao circuito da arte e a editar, mensalmente, uma cartazete com o nome de "Nervo Óptico" que veicula individual ou coletivamente seus trabalhos. O de outubro, por exemplo, é de autoria de Vera Chaves Barcellos e com o título "A respeito do sorriso", traz uma seqüência de caras/caretas. O grupo já expôs coletivamente no Museu de Arte e desenvolve atividades criativas com as comunidades, no interior do Estado (uma das cidades visitadas foi Alegrete). E vem de sair

amplamente vitorioso no IV Salão de Artes Visuais, a ser inaugurado na próxima quinta-feira, em Porto Alegre. Além do grande prêmio dado a Carlos Pasquetti (com um esplêndido conjunto de desenhos), foram contemplados, Vera Chaves Barcellos (seqüência fotográfica da epiderme), Carlos Asp (desenho, objeto e ambiente em torno do tema "jardim interior", nos quais valoriza os gestos simples e os materiais pobres), Clovis Dariano (metamorfose do corpo humano a partir de experimentos fotográficos). Creio firmemente que a premiação dos componentes do grupo "Nervo Óptico" irá repercutir positivamente no ambiente local sobretudo no sentido de incentivar uma alternativa fora das imposições do mercado. Aliás, o júri fez constar em ata sua recomendação para que as futuras comissões organizadoras do Salão "não aceitem condições preestabelecidas por doadores de prêmios, condições e critérios que poderão ser decididos pela competência crítica da comissão julgadora". Em outras palavras, o que júri procurava era alertar para a infiltração do mercado através da vinculação dos prêmios aquisitivos a

determinações prévias de tipos de suporte, estilos, tendências etc, tais como pintura a óleo, figurativa etc. Caso o júri aceitasse tais insinuações, nos próximos anos, os doadores iriam pedir que a obra além de pintura a óleo, figurativa, abordasse este ou aquele tema e, quem sabe, fosse deste ou daquele autor.

Ainda a respeito do Salão, convém mencionar que o júri não apenas evitou apoiar a arte decorativa e digestiva, como procurou conter, no que estava ao seu alcance, o modismo do objeto ou forma tecida, ou seja, um certo tipo de tapeçaria que aparentemente calcada na escola polonesa ou iugoslava, na maioria das vezes, não passa mesmo de prenda doméstica ou, no máximo, é uma forma de tachismo tecido. Liciê Hunsche e Berenice Gorini seriam exceções e espero poder dizer o mesmo, no futuro, de Heloisa Crocco, que revelou alguma originalidade neste setor nos trabalhos enviados e aceitos no Salão. A fotografia como meio expressivo ou como suporte de outras linguagens foi bastante estimulada através das premiações concedidas a Vera Barcellos, Clovis Dariano e Jorge Medisch.



"Mavutsini e sua mulher", desenho de Maria Tomaselli Cirne Lima, 1977.

Daqui para a frente, tanto o Instituto de Artes, através do seu salão anual, quanto o Museu de Arte, têm de ampliar sua influência na produção, circulação e consumo da arte no Rio Grande do Sul. No que se refere ao Salão, em que pese a boa qualidade alcançada este ano, após a seleção, ele não pode manter-se preso à fórmula tradicional de inscrição-seleção-premiação. A semelhança do que já vem ocorrendo com os salões de Campinas e Global, deve buscar novas formas de estímulo, tendo em vista, inclusive, a localização geográfica do Rio Grande do Sul. É certo que o Sul não pode isolar-se do resto do país, apegando-se às "tradições gaúchas" (é o estímulo a este regionalismo seria um dos subprodutos negativos do "reencounter de Bagé", tendência que está aparentemente contida), mas o estímulo a uma participação nacional no seu Salão deve ser feito de outra maneira.

Quanto ao Museu, a sua posição no sistema da arte é hierárquica, e ele e não o mercado, que deve dar o tom, funcionar como uma espécie de bolsa

do gosto, orientar o público e o próprio mercado sobre os valores estéticos etc. Cabe ao museu, portanto, incentivar a arte experimental e, simultaneamente, revisar os valores do passado, enfim, nos dois casos, assumir o risco maior. O museu não pode funcionar a rebôque do mercado, expondo artistas da moda, vinculados ao consumo. É certo que para desempenhar estas duas atividades principais — renovação e revisão — o Museu precisa de condições materiais, humanas e econômicas. O Museu de Arte do RGS vive ainda uma situação bastante precária e a maior delas é a ausência de uma sede própria, que permita uma expansão de suas atividades e como consequência atrair o público. Dentro de alguns meses o Museu de Arte do RGS deverá estar instalado num velho e imponente edifício no centro da cidade, onde, aliás, algumas exposições já estão sendo realizadas, como a do acervo de arte negra do Banco de Boston. Por enquanto, só resta aguardar. Até lá, com alguma dificuldade, o Museu vai editando seu boletim informativo, promovendo cursos, realizando algumas exposições que lhe propõem ou recebe.